

a voz do povo

Boletim Informativo dos Grupos de Estudo
"CHE" GUEVARA e O POVO VENCERÁ

3

Maio-Junho 1968

Ano I



VOZ DO POVO, VOZ DA RAZÃO.....provérbio

.....

editorial

"QUEM PAGOU TUDO ISTO?..."

Liberalismo, democracia ou neutralismo, são termos que para nós, nesta Europa Ocidental, adquiriram um significado de bastardia, à sombra do qual se vêm praticando escandalosamente, e em nome de tais princípios, os maiores atropelos.

No número 2 do nosso jornal, falámos da "Mesa Redonda pelas Liberdades em Portugal", levada a cabo em Lausanne, em Fevereiro findo.

O que se passou posteriormente valeu-nos estas breves considerações:

1. a 24 de Fevereiro, dia de Sábado, logo após o noticiário das 20 horas e durante quase meia hora, a Rádio "Suisse Romande", transmitiu um programa, preenchido com a gravação da reportagem directa, feita pela Emissora Na

cional portuguesa, sobre a viagem do Presidente Américo Thomaz às colónias da Guiné e Cabo-Verde.

Compreendia-se perfeitamente, dados os termos, que os comentários lhes foram também fornecidos, em francês, pelas autoridades portuguesas.

Tais comentários eram estereotipados nas eternas loas ao entusiasmo e fidelidade das populações indígenas à Mãe-Pátria, aos gritos, aos abraços, às lágrimas, às flores, à tropa formada, etc., etc...

Estranha e triste sensação a de escutar uma reportagem patriótica da Emissora Nacional, num emissor estrangeiro.

E para cúmulo, de quando em quando, nem ao histerismo ultra-reaccionário do Artur Agostinho, fomos poupados.

2. num dos dias do mês de Março, o programa "Carrefour" Internacional da Televisão Suíça, às 20,15 horas, era dedicado a Moçambique. Mas ao Moçambique, oásis de paz na África em efervescência, paraíso do Turista, terra de Sol, praias, belezas naturais, música bem ritmada, "whisky and soda", barcos de luxo navegando para a ilha Sta. Catarina, etc, etc.

E para assegurar o possível candidato a férias em tal paraíso, declara-se escandalosamente que Moçambique é o único lugar em África em que ao preto bastam 3 dias de trabalho por semana para sustentar a família e que o resto é para ir à pesca ou dormir.

3. finalmente, nos dias 13 e 14 de Abril, de novo a Rádio "Suisse Romande", faz ocupar as suas ondas, quase ininterruptamente, sob o motivo "Avril au Portugal", com uma série de programas, emitidos directamente de Lisboa, por uma equipa de repórteres enviados expressamente, mas assistidos pela Emissora Nacional.

Quer nos programas de estúdio, quer nos exteriores, nas visitas à cidade, às eternas obras de fachada ou a todo um folclore fabricado, a solícita companhia dos funcionários do Estado, fez-se sentir a todo o momento.

Na noite de domingo, 24 de Abril, e durante 2 horas, o cicerone "Monsieur Matos" chefe dos TAP em Genève, proporcionou à gentil locutora suíça, "uma inolvidável noite de fados...".

As entrevistas concedidas num estúdio da Emissora Nacional, permitiram-nos ouvir Barradas de Oliveira, director do "Diário da Manhã", um funcionário superior da

Subsecretaria do Estado do Comércio, uma professora universitária, etc.

Falaram da ponte sobre o Tejo e dos seus recordes, afirmaram que Lisboa tem um automóvel por cada seis habitantes, que o português é o puro da civilização cristã, que repudia a pílula, que é essencialmente burguês, portanto "avesso à novidade que vem do estrangeiro..." e outras asneiradas semelhantes.

Apreciámos bastante a história da Dra. D. Maria de Lurdes Belchior, professora da Faculdade de Letras de Lisboa, para justificar a afirmação feita de que o português quando sai de Portugal não é por necessidade económica mas sim pelo espírito de aventura legado pelos seus avós...

E a simpática senhora exemplificava com um seu sobrinho de 9 anos que, interpelado pelos pais, a alguns quilómetros de Lisboa, na estrada, dizia que saíra de casa, para ir à aventura.

Sem comentários!...

Habituámo-nos já ao escândalo da inércia e da indiferença dos governos europeus, perante a situação política de países como Portugal ou uma Grécia.

Mais do que nunca, os jornais, as revistas, as vitrinas, e os folhetos das agências de viagens, tentam atrair o europeu, para esses países, tornando-o o suporte, consciente ou inconsciente de tais governos, oferecendo-lhes as suas divisas.

No entanto, fomos chocados, pelos factos que aqui relatamos.

Um programa puramente político, e de apologia à obra do governo de Salazar, em África, como foi a transmissão integral, por uma emissora estrangeira, da viagem de Américo Thomaz a algumas colónias africanas, deve fazer-nos reflectir um pouco mais, pelo ineditismo.

4. não queremos terminar estas considerações sem prestar a nossa homenagem e sem deixar expressa a nossa admiração pela equipa do "Théâtre de l'Atelier", que desde 28 de Abril até 8 de Junho de 1968, levou à cena, com um êxito extraordinário, a peça do grande autor dramático Peter Weiss "Canto do Fantoche Lusitano".

À volta do espantalho (ou fantoche) que personificava o ditador Salazar, é todo o drama português e das colónias em luta pela sua autodeterminação, desde as tão canta

das e nefastas descobertas.

Um grande "bravo" aos componentes da equipa do "Théâtre de l'Atelier", pelo seu magnífico trabalho e pelo serço prestado a uma causa justa. vi

actualidade nacional

A VIOLÊNCIA PROLETÁRIA E A BURGUESIA, OS TRIBUNAIS REVOLUCIONÁRIOS E A BURGUESIA

Nós, os explorados, conhecemos os métodos de investigação praticados pela burguesia através da Pide e das demais instituições repressivas, para inculpar camaradas nossos. Conhecemos bem os interrogatórios praticados pela Pide, muitos dentre nós por experiência. Conhecemos todas as espécies de tortura, das mais bárbaras e das mais desumanas infligidas ao ser humano em toda a história da humanidade, desde a simples sova à tortura do sono ou à tortura da "estátua", passando pelo aperto das unhas até sangrar, pela simulação de fusilamento, pela cena dos gritos horríveis de mulher, etc., aplicadas pela Pide, dias e dias consecutivos, para obter "declarações" dos encarcerados.

Nós, os produtores, descobrimos já o significado da lei burguesa. Conhecemos a lei burguesa como conhecemos também a chamada "justiça" dos tribunais burgueses. Nós sabemos que, tanto a lei burguesa como a justiça burguesa, não são mais do que armas utilizadas pela burguesia para oprimir e explorar os operários e as massas trabalhadoras dum maneira geral, e para proteger os seus privilégios.

Nós, os operários, sabemos também que muitos camaradas nossos foram assassinados lentamente nas sessões de tortura durante os interrogatórios na Pide ou simplesmente abatidos a tiro pelas forças repressivas burguesas. Nós sabemos que a burguesia não hesita em abater, em matar camaradas nossos para nos oprimir e explorar e para assegurar os seus privilégios.

Em suma, nós, os operários, os produtores, os explorados, sabemos que a burguesia tem o seu Estado, o seu Exército, a sua Justiça e a sua Moral, instituições estas e moral esta, para nos oprimir e explorar e para assegurar

os seus privilégios.

Perguntamos:

Se a burguesia tem o seu Estado, o seu Exército, a sua justiça, a sua moral, por que razão não podemos nós, os explorados, criar a nossa própria lei, os nossos próprios tribunais, o nosso exército, o nosso Estado?

Se a burguesia dispõe de instituições para nos oprimir e para assegurar os seus privilégios, por que não podemos nós, os produtores, criar instituições para oprimir e destruir a burguesia, para acabar com todos os privilégios?

Este é o verdadeiro significado e o alcance do emprego da violência, da execução de traidores e de espiões infiltrados nas nossas fileiras, da execução dos agentes da burguesia, a que nós, os operários, temos de recorrer para destruir a sociedade burguesa e para criar o nosso Estado e a nossa sociedade, a sociedade socialista.

SOBRE A LEGALIDADE E VALIDADE DOS TRIBUNAIS REVOLUCIONÁRIOS, DOS TRIBUNAIS POPULARES

Que nós, os operários, falemos em julgamento, sentença, execução, parecerá monstruoso e intolerável à burguesia: que tribunal é este em que os juizes são os executores? quem nos dá os poderes para julgar, condenar e tirar a vida? em que lei nos baseamos? que garantias de defesa damos ao réu?

Por outro lado, ao executarmos o condenado dum tribunal revolucionário, a burguesia vai considerar este nosso acto como crime repugnante, banditismo e arbitrariedade pura, jamais o considerará como uma parcela da luta popular para a conquista do Poder de Estado.

É bastante fácil de demonstrar que, os tribunais revolucionários são legítimos, as suas sentenças são legítimas e a execução das sentenças é legítima.

a. Começamos pelos métodos de investigação. Nós, os operários, não exerceremos a mínima coacção, a mínima violência sobre o acusado. Obteremos uma confissão espontânea, devido às provas esmagadoras acumuladas contra o acusado durante a investigação das suas actividades ao serviço da burguesia. Assim se passou na prática do primeiro tribunal revolucionário português, pois o exame do corpo do espião Mateus provou que não lhe foram infligi-

dos quaisquer maus tratos antes da execução.

Será preciso confrontar este método de investigação com os praticados pela Pide e outras forças repressivas? Todos nós conhecemos a investigação, os interrogatórios da Pide. PERGUNTAMOS: qual a validade dos autos que servem de base aos processos de todos os camaradas operários, se a assinatura dos mesmos lhes é arrancada pela violência ou simplesmente falsificada, se as "declarações" que deles constam são forjadas pela Pide?

PERGUNTAMOS: quem pratica o banditismo — nós ou os burgueses?

b. Passamos ao direito de matar. Podemos nós, os operários, arrogar-nos o direito de matar?

A resposta é muito simples: arrogamo-nos esse direito em nome dos trabalhadores, do Povo Português, exactamente como os burgueses se arrogam o direito de destruir centenas ou milhares de vidas humanas, sempre que isso convém ou se torna necessário à defesa dos interesses da sua "sociedade", dos privilégios das classes dominantes. Temos os mesmos direitos, nem mais nem menos.

Se a burguesia não tem escrúpulo em atirar os soldados portugueses contra os patriotas de Angola, de Moçambique, da Guiné, em luta pela independência dos seus países, se a burguesia provoca assim uma guerra genocida só para garantir os lucros das grandes companhias coloniais e dos bancos, dos Melo, dos Espírito Santo, dos Vieira Machado, dos Cupertino de Miranda, dos Sousa Lara, da burguesia portuguesa e estrangeira — por que razão havíamos nós de ter escrúpulo em liquidar um dos seus espões, um dos seus agentes?

Se a burguesia em nome da "defesa da civilização" e em nome da "defesa da liberdade" aplaude os crimes atrozes dos bandidos americanos e dos seus acólitos mais dedicados contra o povo vietnamita — por que se lamenta ela hipócritamente da perda duma vida humana?

Se a burguesia desperdiça centenas, milhares de vidas do povo trabalhador, em acidentes, em doenças, em catástrofes, que poderiam ser evitados; se, na corrida ao lucro máximo, a burguesia instaura a lei da selva e imola friamente tantos filhos do povo — temos nós, os operários, razão alguma para poupar a vida a um desprezível espão ou agente da burguesia?

Ou julga a burguesia que o direito à violência funciona num só sentido? Então a Pide pôde matar Alfredo Dinis

em Julho de 1945, pôde matar Militão Ribeiro numa cela da Penitenciária, pôde matar Humberto Delgado numa cela em Espanha, pôde matar José Dias Coelho em Dezembro de 1961, pôde matar José Moreira, pôde matar Bento Gonçalves, Germano Vidigal, Alfredo Caldeira, e quantos, quantos mais — e nós não podemos matar um espião da Pide, um agente da burguesia?

Nós, os operários, arrogamo-nos o direito de julgar, condenar e matar um inimigo do povo. Arrogamo-nos o direito de constituir tribunais revolucionários, tribunais populares para julgar os inimigos do povo. Porque, ao matarmos um inimigo do povo, nós, os operários, não nos pagamos senão de uma ínfima parte da dívida de sangue acumulada durante gerações pelo povo trabalhador, pelas massas oprimidas.

SOBRE O FUNCIONAMENTO DO "PRIMEIRO TRIBUNAL REVOLUCIONÁRIO PORTUGUÊS"

Na noite de 26 de Novembro de 1965, em Belas (arredores de Lisboa), funcionou pela primeira vez em Portugal, um tribunal revolucionário.

Este primeiro tribunal revolucionário português foi constituído pelos dirigentes do CMLP (Comité Marxista-Leninista Português) e da FAP (Frente de Acção Popular), para julgar o "militante" da FAP, Mário Mateus (de pseudónimo "Gago"), acusado de crime de espionagem no seio da FAP a soldo da Pide.

A acusação baseava-se nos factos seguintes: o dirigente Pulido Valente foi preso pela Pide na noite de 21.10.65 à mesma hora em que deveria ter um encontro com o Mário Mateus; em seguida, a Pide aparecia conhecedora de alguns pormenores que só lhe poderiam ter sido ditos pelo Mário Mateus; em 24.11.65, uma brigada da Pide surgia no local em que Mário Mateus se ia encontrar com o dirigente Rui d'Espina (encontro destinado a investigar sobre a espionagem do Mário Mateus, apesar do risco de cair nas garras da Pide), só não o tendo prendido devido aos cuidados de que aquele se rodeara.

O criminoso Mário Mateus, além de confessar espontaneamente estas acusações, confessou ainda que na noite de 21.10.65, logo após a entrega à Pide de João Pulido Valente, recebeu 2.500.00 do agente Ferreira Cleto como 1ª mensalidade do ordenado que lhe fora atribuído pela Pide por este serviço e por futuras denúncias que se dispôs a

fazer.

O tribunal deu como provados os crimes de traição e espiagem ao serviço do inimigo, pelo que condenou Mário Mateus à pena de morte. A sentença foi imediatamente executada.

Este julgamento foi noticiado com o título "Um aviso aos provocadores" no N° 6 de Dezembro de 1965, do jornal clandestino "Acção Popular", órgão da FAP, e sob o título "João Pulido Valente e Sebastião Capilé nas garras da Pide" no N° 6 de Dezembro de 1965, do jornal clandestino "Revolução Popular", órgão do CMLP.

SOBRE OS ENSINAMENTOS DO "PRIMEIRO TRIBUNAL REVOLUCIONÁRIO PORTUGUÊS"

Quais os ensinamentos tirados do primeiro tribunal revolucionário português?

1. O julgamento e a execução do espião Mário Mateus não é um derramamento de sangue num mero desejo de "vingança" como diz a burguesia, mas sim uma parcela da linha revolucionária dos marxistas-leninistas portugueses, e tem, portanto, um significado muito mais vasto do que o simples caso individual.
2. Ao julgar e executar o espião Mário Mateus, o 1º Tribunal Revolucionário Português e os marxistas-leninistas portugueses indicaram ao povo o caminho de responder à violência com a violência, ao ódio com o ódio, ao sangue com o sangue, como o único que conduz à luta armada popular e à guerra popular, à liquidação dos monopólios, dos latifúndios e do imperialismo estrangeiro no nosso país.
3. Ao julgar e executar o espião Mário Mateus, o 1º Tribunal Revolucionário Português e os marxistas-leninistas portugueses levantaram ante as massas trabalhadoras e os operários a questão fundamental posta pelo actual estado de coisas: Qual é o objectivo da nossa luta? Lutamos só para trocar as grilhetas do fascismo por outras grilhetas menos pesadas, ou lutamos para acabar de vez com todas as grilhetas, com a escravidão capitalista? Devemos sacrificar-nos pelo triunfo de uma qualquer "democracia nacional" burguesa ou devemos lutar resolutamente por um regime onde o poder caiba aos próprios produtores, por uma Democracia Popular que abra o caminho ao socialismo?
4. Ao constituírem o 1º Tribunal Revolucionário Portugu-

ês para julgar o espião Mário Mateus, os marxistas-leninistas portugueses fizeram germinar com mais força entre os oprimidos portugueses a ideia nova, de que tentam em vão desviá-los, tanto os inimigos do povo como os seus falsos amigos e protectores, os revisionistas do PCP: Se a burguesia tem o seu Estado, o seu exército, a sua justiça, a sua moral, por que razão não podemos nós, os explorados, os produtores, criar a nossa própria lei, os nossos tribunais, o nosso exército, o nosso Estado? Se a burguesia dispõe de instituições para nos oprimir e para assegurar os seus privilégios, por que não podemos nós criar instituições para oprimir e destruir a burguesia, para acabar com todos os privilégios?

5. Tanto as pesadas condenações infligidas pelo tribunal burguês de Sintra aos juizes e executores do Primeiro Tribunal Revolucionário Português como a tentativa burguesa de reconhecer e de fazer passar perante o Povo Português a EXECUÇÃO do espião Mário Mateus como um "crime", um "assassinato" e não como parcela duma linha revolucionária (com este fim o julgamento se efectuou num tribunal civil normal, tribunal da comarca de Sintra, e não num tribunal plenário, onde são julgados os "crimes" políticos), não poderão apagar o facto de que em Portugal, funcionou pela primeira vez um Tribunal Revolucionário, primeiro passo no longo caminho que conduz à Guerra Popular e à formação do Poder Popular, acontecimento este, acolhido com alegria pelos trabalhadores em todo o país.

VIVA O PRIMEIRO TRIBUNAL REVOLUCIONÁRIO PORTUGUÊS!

NOTA: este artigo comenta a notícia publicada no Nº 1 de "A VOZ DO POVO" — Fevereiro 1968 — sob o título "Os tribunais burgueses e fascistas condenam o emprego da violência proletária".

notas e factos

A REPRESSÃO ABATE-SE SOBRE O POVO PORTUGUÊS!

- Deportação do advogado Mário Soares para S. Tomé: o governo salazarista confirmou, num comunicado oficial do 22.3., a deportação com residência fixa deste dirigente da Acção Socialista. Libertado pela Pide a 1.5, Mário So

ares foi embarcado de avião para a ilha de S. Tomé dia 20.3. Entre os protestos enviados ao governo contra esta nova medida arbitrária do fascismo português, mencionamos: Associação Internacional dos Juristas Democratas, Comissão Internacional dos Juristas, 83 professores franceses da Sociedade dos hispanistas.

("Le Monde": 24-25.3.1968)

- Prisão do jornalista Raúl Rego: foi preso em Lisboa após a confiscação pela polícia do seu livro "Para um Diálogo com o Cardeal Patriarca", no próprio dia em que foi lançado em venda (9.5). Este livro, composto de duas cartas dirigidas ao Cardeal Cerejeira, critica a atitude da igreja em relação ao governo salazarista e em particular o "silêncio" da igreja perante os entraves à liberdade individual: "a ordem não é a ordem mas unicamente a imobilidade imposta pela força nas ruas e nas consciências".

("Gazette de Lausanne": 10 e 13.5.1968)

- Balanço do assalto realizado pela LUAR contra o Banco da Figueira da Foz: segundo um comunicado da polícia portuguesa 23 pessoas participaram directa ou indirectamente no assalto da sucursal do Banco de Portugal da Figueira da Foz, realizado em 17.5.1967, o qual proporcionou a recuperação de quase 30 mil contos à LUAR. Destes 23 implicados 6 estão presos em Portugal e 9 em liberdade provisória. Mas dos 5 principais organizadores somente 1 está preso em Portugal, Angelo Cardoso, pois os outros 4 conseguiram chegar a França: Inácio Palma, Camilo Mortágua, António Barracosa e Luis Benvindo. Destes 4 fugitivos, Inácio Palma obteve asilo político do governo francês a quando do pedido de extradição formulado pelo governo português e Luis Benvindo está preso em França desde os fins de Janeiro aguardando a decisão do governo francês sobre o pedido de extradição apresentado pelo governo português. Aproximadamente 10 mil contos teriam sido recuperados pelo governo português.

Acrescentamos a título informativo que Germano Filipe, beneficiou também de asilo político do governo francês a pesar do pedido de extradição formulado pelo governo português, que Júlio Alves, José Matias e Francisco Salgado também membros da LUAR, foram presos em Espanha durante o mês de Janeiro quando se dirigiam clandestinamente para Portugal.

("Le Monde": 12.4.1968)

OS TRIBUNAIS FASCISTO-BURGUESES CONDENAM!

- 6 operários foram condenados dia 21.3., em Lisboa, por

actividades comunistas e distribuição de propaganda incitando à greve, a penas de prisão indo de 14 a 18 meses e suspensão dos direitos políticos por 5 anos.

("Le Monde": 23.3.1968)

- 6 pessoas acusadas de pertencerem à FAP (Frente de Acção Popular) foram condenadas dia 1.6 por um tribunal de Lisboa: três dos acusados, entre os quais uma mulher, a penas de prisão de 5 meses a 2 anos; os outros três, a 24 e 32 meses de prisão.

("Le Monde": 5.6.1968)

O POVO PORTUGUÊS EM LUTA!

- Uma "Mesa Redonda" sobre o Ensino em Portugal: promovida pela "Liga Internacional do Ensino, da Educação e da Cultura Popular", teve lugar dia 20.4 em Paris, tratando o problema "O Ensino nos Países Europeus com regime ditatorial". As Ligas do Ensino da Grécia, Espanha e Portugal, apresentaram relatórios sobre o assunto em questão. Um dos oradores portugueses precisou que "sòmente 56 % das crianças em idade escolar - de 6 a 14 anos - vão à escola e a taxa de analfabetismo continua muito elevada".

- Pedido de abolição da censura: 59 pessoas - advogados, jornalistas, escritores e padres - assinaram um texto enviado à Assembleia Nacional, reclamando a abolição da censura.

("Le Monde": 8.5.1968)

- Operários e estudantes portugueses ocupam a Casa dos Estudantes Portugueses na "Cit  Universitaire" de Paris: Posta a funcionar em 16.10.67 e inaugurada a 20.11.67, a Casa dos Estudantes Portugueses foi construída pela Fundação Gulbenkian. Operários e estudantes portugueses integrados no movimento estudantil e operário de contestação global da sociedade capitalista, da sociedade de consumo francesa, participaram no movimento de ocupação dos Pavilhões Estrangeiros da "Cit  Universitaire", iniciado com a ocupação dos Pavilhões argentino e espanhol, ocupando a Casa dos Estudantes Portugueses, a qual foi baptizada de "CASA DOS OPERÁRIOS E ESTUDANTES PORTUGUESES".

("Le Monde": 29.5.1968)

A ENTRADA DE CAPITAIS AMERICANOS EM PORTUGAL

O programa de redução dos investimentos e créditos americanos ao estrangeiro vem provocar uma diminuição de 1.300 mil contos nas entradas de fundos americanos em Portugal durante o ano de 1968.

O TURISMO, UM DOS AUXILIARES DA CONSERVAÇÃO
DA DITADURA BURGUESO-FASCISTA

A receita deixada pelos turistas americanos em Portugal ocupa o terceiro lugar na balança do turismo português e cifra-se a 1.500 mil contos por ano.

Lembramos que na Lei de Meios para 1968, as estimativas de receitas do turismo para 1968 atingiam 9 milhões de contos.

A UNIVERSIDADE DE COIMBRA CONDECORA
UM "AMIGO FIEL" DO GOVERNO FASCISTA

O chanceler Kiensinger da Alemanha Ocidental, visitou Portugal em 27 e 28 de Maio a convite do governo português. Além das conversações com o governo, o ilustre "Colaborador com os Nazistas" foi distinguido com o grau de doutor "honoris causa" pela Universidade de Coimbra!!!!!!

guerra colonial

A N G O L A

- Baixas no Corpo Expedicionário Português: de 4 a 10 de Maio, o Corpo Expedicionário Português teve 1 morto e 2 feridos, em combates com os guerrilheiros nacionalistas, segundo um comunicado militar oficial.

G U I N É - B I S S A U

- Uma base militar cai nas mãos do PAIGC: o PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde) noticiava num comunicado que as suas forças militares "se apoderaram, na noite de 10 ao 11 de Abril, duma base militar portuguesa. Do combate resultaram 6 mortos e 11 prisioneiros entre os militares portugueses e 1 ferido entre os guerrilheiros nacionalistas".

- A 6ª troca do Governador-Geral e Comandante-Chefe da Guiné: o general Arnaldo Schultz foi substituído no posto de Governador-Geral e Comandante-Chefe das Forças Armadas da Guiné "Portuguesa" (leia-se Bissau) pelo general Ribeiro de Spínola, após ter ocupado este lugar de "carrasco maior" durante alguns anos.

A VOZ DO POVO o teu jornal..A VOZ DO POVO o teu jornal..

- Declarações de Amílcar Cabral a uma jornalista - o Secretário-Geral do PAIGC, numa entrevista recente, ao referir-se à situação da luta revolucionária conduzida pelo PAIGC na Guiné-Bissau, declarou:

. No plano económico - aumento da produção agrícola nas regiões libertadas; exploração de novas parcelas e de quintas abandonadas pelos colonos; criação de "armazéns do povo".

. No plano social - criação de um hospital com 50 camas, dispensários para combatentes e população nas bases de guerrilha; 30 enfermeiras formadas em 1964 encontram-se na frente de combate; várias escolas funcionam nas regiões libertadas para mais de 2.000 crianças; prosseguimento da alfabetização de adultos nas regiões libertadas.

. Situação actual da guerra - as nossas tropas ocupam o mato enquanto que as portuguesas se situam sobretudo nos centros rurais e em 28 campos fortificados! O bombardeamento das regiões libertadas é sistemático, com bombas de napalm e de fósforo. A população presta-nos o seu apoio; apoia a nossa guerra não imperialista, a nossa luta justa. O verdadeiro herói é o nosso Povo.

("Coopération": 25.5.1968)

M O Ç A M B I Q U E

- Baixas sofridas pelos militares portugueses: 25 militares portugueses foram mortos durante o mês de Março, segundo um comunicado militar oficial.

- Violentos combates entre guerrilheiros e militares portugueses: segundo um comunicado militar publicado em Lourenço Marques "elementos do exército português, apoiados pela aviação, travaram violentos combates contra guerrilheiros da FRELIMO, a quando do assalto de uma base militar nacionalista".

("Le Monde": 21-22.4.1968)

NOVA CONDENAÇÃO DO COLONIALISMO PORTUGUÊS:

A Conferência dos 14 países da África Central e Oriental, realizada em Dar-es-Salaam e encerrada a 15.5, decidiu "promover representações junto dos Estados que continuam a auxiliar Portugal, Rodésia e África do Sul, para que terminem toda a ajuda a estes três países".

A VENDA DAS COLÓNIAS AO CAPITAL INTERNACIONAL:

Foram abertas as propostas para a construção da barragem "Cabora-Bassa" (Moçambique), cuja corrente eléctrica

se destina para consumo interno e para exportação para a África do Sul, apresentadas por 3 concorrentes (reunindo cada um deles vários consórcios do capital imperialista internacional): Zamco-Zambeze Consórcio Hidro-Eléctrico (sede em Paris), Cabora-Bassa Construction Consortium (Londres) e Cabora-Bassa Builders Ltd (Paris). A proposta mais baixa 7.033.048.345 escudos, foi apresentada pela Zamco. ("Le Monde": 7.5.1968)

actualidade internacional

UMA GRANDE TEMPESTADE REVOLUCIONÁRIA ABALA O MUNDO CAPITALISTA

O fulminante movimento revolucionário de massas que varre a Europa — em particular a França — e a América do Norte, continua a desenvolver-se, nestes últimos dias, com uma força irresistível. Em França, 10 milhões de operários participaram na luta através da greve e ocuparam metade das empresas industriais do país. Protegidos pelos operários, os estudantes universitários e liceais de Paris combateram heróicamente os CRS e outras polícias reaccionárias, dando origem a uma nova vaga da luta. Com o aprofundamento da luta operária, também o movimento dos camponeses cresce rapidamente. A luta das massas populares estende-se a um número cada vez maior de países capitalistas. Duma amplitude jamais igualada desde há dezenas de anos, esta luta de massas no seio do mundo capitalista fulmina violentamente o sistema capitalista, corrupto e decadente.

O grande poder das massas populares manifesta-se no decorrer desta tempestade. A explosão revolucionária dos operários, dos estudantes e das massas populares de França, vem mais uma vez confirmar a verdade incontestável do princípio marxista-leninista enunciado por Mao Tsé-tung: "O imperialismo e todos os reaccionários são tigres em papel".

A justa luta dos povos da Europa e da América do Norte, — e particularmente da França — provoca inensas repercussões no mundo e goza duma profunda simpatia e dum amplo apoio dos povos revolucionários do mundo inteiro.

O movimento revolucionário de massas que se desenvolve vigorosamente na Europa e na América do Norte, constitui precisamente uma prova irrefutável do novo despertar do proletariado e das massas populares destes países.

Como todos os traidores e oportunistas incorrigíveis, as renegadas camarilhas dos revisionistas soviéticos e franceses desempenham um papel dos mais desprezíveis nesta tempestade revolucionária. Quando o movimento de massas tomava forma, uns e outros qualificaram caluniosa e perversamente de "aventureirismo", de "provocação", etc., esta acção revolucionária que destruiu as suas convenções revisionistas. Quando o movimento revolucionário de massas se desenvolvia rapidamente e se transformava num braseiro, após ter lançado as calúnias revisionistas ao lixo, aqueles revisionistas apressaram-se em colaborar com a burguesia monopolista, com o fim de entrar e de abafar a revolução o mais rápido possível e dela tirarem benefício. Nós manteremos debaixo de vista estes palhaços perversos e veremos como ainda se agitarão na cena histórica.

Nesta tempestade, as massas revolucionárias da Europa e da América do Norte, desprezando as leis e as baionetas das camarilhas dominantes reaccionárias, desprezando a repressão, persistem na luta heróica com um dinamismo revolucionário.

Nesta tempestade, os diversos meios populares da Europa e da América do Norte formularam diversas exigências concretas e várias palavras de ordem de combate. A sua luta é dirigida nitidamente contra a criminosa dominação da burguesia monopolista e contra o conjunto do sistema capitalista. Isto vem provar que a luta das massas da Europa e da América do Norte atingiu um nível novo.

Nesta tempestade, os jovens estudantes desempenham o papel de pioneiros ao associarem-se cada dia mais, com o movimento operário. O facto de que o movimento estudantil e o movimento operário se apoiam e se encorajam mutuamente, impeliu poderosamente o conjunto do movimento popular a um novo progresso.

Nesta tempestade, a massa dos estudantes e dos operários da Europa e da América do Norte, ao quebrar as formas de luta ordinárias utilizadas pelo movimento de massas no passado, começou a empreender uma série de actos de

violência militante, criando assim uma experiência de luta inteiramente nova para o movimento revolucionário de massas nos países capitalistas.

Hoje, encontramos-nos numa nova e grande época da revolução mundial. O movimento de libertação nacional na Ásia, na África e na América Latina, atingiu duramente o imperialismo dirigido pelos Estados- Unidos; acelerou o desenvolvimento das crises política e económica nos países imperialistas e intensificou as contradições de classes nestes países. A classe operária e os povos oprimidos exprimem o seu descontentamento e resistem cada vez mais enérgicamente à dominação reaccionária da burguesia monopolista e ao sistema social actual. O novo impulso do movimento revolucionário de massas na Europa e na América do Norte é justamente uma expressão notável dos conflitos mais profundos e mais agudos da actualidade quotidiana no seio do mundo capitalista.

A larga difusão das obras de Mao Tsé-tung através do mundo, estimula o desenvolvimento e o aprofundamento da revolução mundial na nossa época. A magnífica vitória da Grande Revolução Cultural Proletária chinesa galvanizou a vontade revolucionária dos povos de todos os países, vontade de ousar lutar e vencer. Pelo impetuoso movimento revolucionário de massas da Europa e da América do Norte, pode-se constatar a influência cada dia crescente exercida pela Grande Revolução Cultural Proletária chinesa sobre as largas massas populares destas regiões.

A Europa e a América do Norte são o próprio covil do imperialismo. O imperialismo com os Estados- Unidos à cabeça, sempre considerou estas regiões como uma retaguarda segura, onde exerce um controle dos mais rigorosos; pelo seu lado, o revisionismo moderno tendo por centro o revisionismo soviético, assim como os renegados, os traidores à classe operária e os lacaios contra-revolucionários de toda a espécie, ajudam com pés e mãos o imperialismo a estabilizar a sua dominação reaccionária nestas regiões. Hoje, tal como um violento abalo sísmico, o desenvolvimento impetuoso e rápido do movimento popular de massas na Europa e na América do Norte destruiu o belo sonho da burguesia monopolista internacional. O mundo não contém mais nenhum esconderijo onde o imperialismo possa refugiar-se sossegadamente.

No próprio seio do mundo capitalista, onde se exerce a

dominação tenebrosa do imperialismo e dos reaccionários, as massas populares, mais de 90 % da população, erguer-se-ão para fazer a REVOLUÇÃO. Na Europa e na América do Norte, o desenvolvimento da luta revolucionária da classe operária e das largas massas populares é fatal e inevitável. A burguesia monopolista não poderá impedi-lo, como também não os sociais-democratas e os revisionistas modernos. Nesta parte do globo, são boas as largas massas populares e não a burguesia monopolista, que são verdadeiramente poderosas. A revolução está grávida de promessas nestas regiões.

Todos os povos do mundo são encorajados pela grande tempestade do movimento de massas da Europa e da América do Norte. Estamos convencidos que a classe operária, os camponeses, os jovens progressistas e todas as massas revolucionárias não cessarão de se temperar, de elevar a sua consciência política, de reforçar a sua unidade e de desenvolver a sua própria força nesta luta encarniçada. Estamos convencidos que o sistema capitalista e imperialista será enterrado se a classe operária e as largas massas populares da Europa e da América do Norte se unirem com os povos revolucionários do mundo inteiro e persistirem no seu combate heróico e firme.

povos em armas

GUERRA DO VIETNAME

Perdas americanas durante o mês de Maio — segundo o comando militar americano (portanto, largamente inferiores à realidade!), 2.215 americanos foram mortos em Maio.

Aviões americanos abatidos no Vietname do Norte — o mês de Abril 1968, primeiro mês de "bombardeamentos limitados", custou ao imperialismo americano 55 aviões de reacção abatidos, 3 navios incendiados e um quarto afundado, pelos serviços da Defesa do Vietname do Norte.

Pelo que, o número total de aviões americanos abatidos no Norte até ao 4 de Maio de 1968, ATINGE 2.836.

("Le Courrier du Vietnam": 6.5.1968)

Total das perdas americanas — Desde o início do conflito, 24.634 americanos foram mortos, 150.233 feridos e 1.209 desaparecidos. Ainda que estes números sejam largamente inferiores aos verificados na realidade visto a sua ori-

gem das autoridades americanas, quando confrontados com os que fornecemos no N^o 2 de A VOZ DO POVO, mostram-nos como as previsões americanas aumentam vertiginosamente!!!!

do povo e para o povo

I . INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA FILOSOFIA (conclusão)

5. Quais as relações entre o materialismo e o marxismo?

Podemos resumi-las da maneira seguinte:

- a. A filosofia do materialismo constitui a base do marxismo.
- b. Esta filosofia materialista que quer fornecer uma explicação científica aos problemas do mundo progride, no decorrer da história, ao mesmo tempo que as ciências. Por conseguinte, o marxismo nasceu das ciências, repousa nelas e evolui com elas.
- c. Antes de Marx e Engels houve, várias vezes e sob diferentes formas, filosofias materialistas. Mas no século XIX, as ciências deram um grande passo em frente e foi então que Marx e Engels renovaram este materialismo antigo a partir das ciências modernas dando-nos o materialismo moderno, que se chama materialismo dialéctico e que constitui a base do marxismo.

Estas poucas explicações mostram-nos que a filosofia do materialismo tem uma história, contrariamente ao que se diz. Esta história está intimamente ligada à história das ciências. O marxismo, baseado sobre o materialismo, não saiu do cérebro dum único homem. Ele é o resultado, a continuação do materialismo antigo, que se encontrava já muito desenvolvido no tempo de Diderot. O marxismo é a expansão do materialismo desenvolvido pelos Enciclopedistas do século XVIII, enriquecido pelas grandes descobertas do século XIX. O marxismo é uma teoria viva e para mostrar imediatamente de que maneira encara os problemas, vamos tomar um exemplo que toda a gente conhece: o problema da luta de classes.

Que pensam as pessoas sobre esta questão? Uns pensam que a defesa do pão dispensa a luta política. Outros pensam que basta dar socos na rua, negando a necessidade da organização. Outros ainda pretendem que só a luta políti

ca trará uma solução a esta questão.

Para o marxista, a luta de classes compreende:

- a. Uma luta económica.
- b. Uma luta política.
- c. Uma luta ideológica.

O problema deve pois ser posto simultâneamente nestes três terrenos.

- a. Não se pode lutar pelo pão sem lutar pela paz, sem defender a liberdade e sem defender todas as ideias que servem a luta por estes objectivos.
- b. O mesmo se passa na luta política, que, depois de Marx, se transformou numa verdadeira ciência: é-se obrigado, ao mesmo tempo, ter em conta a situação económica e as correntes ideológicas para levar a cabo uma tal luta.
- c. Quanto à luta ideológica, que se manifesta pela propaganda, deve-se ter em conta, para que seja eficaz, a situação económica e política.

Vemos pois que todos estes problemas estão intimamente ligados e que, assim, não se pode tomar decisões diante de não importa qual aspecto deste grande problema que é a luta de classes — numa greve por exemplo — sem ter em consideração cada dado do problema e o conjunto do próprio problema.

É pois aquele que será capaz de lutar em todos os terrenos que dará a melhor direcção ao movimento.

É assim que um marxista compreende o problema da luta de classes. Ora, na luta ideológica que devemos levar a cabo todos os dias, deparamos com problemas difíceis de resolver: imortalidade da alma, existência de Deus, origens do mundo, etc. É o materialismo dialéctico que nos dará um método de raciocínio, que nos permitirá resolver todos estes problemas e, além disso, desvendar todas as campanhas de falsificação do marxismo, as quais pretendem completá-lo e renová-lo.

6. Campanhas da burguesia contra o marxismo

Estas tentativas de falsificação apoiam-se em bases muito diversas. Procura-se opor ao marxismo os autores socialistas do período pré-marxista (antes de Marx). É assim que se vê utilizar muitas vezes os "utopistas" contra Marx. Outros utilizam Proudhon. Outros inspiram-se

nos revisionistas anteriores a 1914 (portanto magistralmente desmascarados por Lénine). Mas é sobretudo necessário sublinhar a campanha de silêncio que a burguesia faz contra o marxismo. Esta fez tudo para impedir que a filosofia materialista seja conhecida sob a sua forma marxista. É particularmente revelador, a este respeito, o conjunto do ensino filosófico tal como é dado nos países capitalistas.

Nos estabelecimentos de ensino secundário ensina-se a filosofia. Mas pode-se frequentar todo este ensino sem nunca aprender que existe uma filosofia materialista elaborada por Marx e Engels. Quando, nos manuais de filosofia, se fala de materialismo (porque se é obrigado), fala-se sempre separadamente de marxismo e de materialismo. Apresenta-se, em geral, o marxismo unicamente como uma doutrina política e quando se fala de materialismo histórico não se fala a este propósito da filosofia do materialismo; enfim, ignora-se tudo sobre o materialismo dialéctico.

Tal situação não existe somente nas escolas e nos liceus: existe igualmente nas Universidades. O facto mais característico é que pode-se ser, em França assim como nos demais países capitalistas, um "especialista" de filosofia, munido dos mais elevados diplomas passados pelas Universidades francesas, sem saber que o marxismo tem uma filosofia, o materialismo, e sem saber que o materialismo tradicional tem uma forma moderna, o marxismo ou materialismo dialéctico.

Nós queremos demonstrar que o marxismo comporta uma concepção geral não somente da sociedade mas ainda do próprio universo. É pois inútil, contrariamente ao que pretendem alguns, de lamentar que o grande defeito do marxismo seja a sua falta de filosofia e de querer, como alguns teóricos do movimento operário, ir à procura desta filosofia que falta ao marxismo. Porque o marxismo tem uma filosofia, que é o materialismo dialéctico.

Apesar desta campanha de silêncio, apesar de todas as falsificações e precauções tomadas pelas classes dirigentes, o marxismo e a sua filosofia começam a ser cada vez mais conhecidos.

"PRINCÍPIOS ELEMENTARES DE
FILOSOFIA..Georges Politzer"

.....

lê, estuda e divulga **A Voz DO Povo**